
PESQUISA DA FGV

Número de católicos pára de cair no país

Evangélicos crescem para
17,9% e diminui quem não
tem religião. **Página 28**

Religiosidade em alta no Brasil

Rio de Janeiro

A religiosidade do brasileiro está em alta. Pela primeira vez, em mais de um século, a proporção de católicos parou de cair e se manteve estável entre 2000 e 2003, atingindo quase 74% da população brasileira.

O número de evangélicos continua crescendo (passou de 16,2% para 17,9%) e o das pessoas que não têm qualquer religião sofreu queda de 7,4% para 5,1%. Os dados constam de pesquisa divulgada ontem pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Para o pesquisador Marcelo Nery, responsável pelo estudo, a chamada "reação católica" pode estar relacionada à melhoria na distribuição de renda entre as camadas mais pobres da população (classe E), que ao lado da elite econômica (classe A) é a mais representativa da religião católica no Brasil.

Segundo Nery, a transferência de renda proporcionada por programas de assistência, como o Bolsa Família, contribuiu para que os mais pobres deixassem de abandonar o ca-

Número de católicos

> 1980

105,9 milhões ou 89% da população

Total da população: 119.011.052

> 1991

122,3 milhões ou 83,3% da população

Total da população: 146.825.475

> 1997*

123 milhões ou 75,1% da população

Total da população: 163.779.827

> 2007*

125,5 milhões ou 67,2% da população

Total da população: 186.770.562**

* Estimativas da CNBB com base no último Censo do IBGE, de 2000.

** Dados de 2006. A estimativa de 2007 será liberada em agosto.

tolicismo.

– Quando as condições econômicas são favoráveis, as pessoas deixam de procurar novas religiões – explicou Nery.

O estudo também revela que, com a crise metropolitana nas últimas décadas, o inchaço das grandes cidades, o aumento da violência e a piora do acesso aos serviços públicos, as igrejas evangélicas pentecostais (Assembléia de Deus, Universal do Reino de Deus) e os sem religião tiveram um crescimento mais expressivo nas periferias, Nery acredita que, com o surgimento dessa "nova pobreza", as pessoas seguem em geral dois caminhos.

– Ou se apegam a religiões de práticas mais intensas, como as pentecostais, ou perdem a esperança e viram sem religião – disse.

Segundo o pesquisador Marcelo Nery, o crescimento das igrejas pentecostais nas metrópoles também pode ser entendido como uma forma de ocupar uma lacuna deixada pelo Estado, com desemprego, favelização, precariedade de acesso aos serviços públicos.

A pesquisa apresentada ontem, no Rio de Janeiro, tomou por base os dados da Pesquisa Orçamentária Familiar do ano de 2003, do IBGE. Outras informações sobre o estudo serão divulgadas amanhã, em SP.